



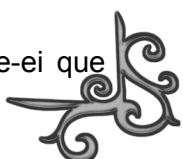
António Almas

Há um equilíbrio difícil de segurar entre a realidade e a eternidade, uma porque finitamente curta, outra porque infinitamente longa.

Hoje sou apenas e só energia, perdi os corpos que tive algures atrás de mim. Neste instante de desprendimento, sou outra vez essência, pura e simples, sem qualquer tipo de tempo, contra-tempo ou condicionante. O corpo, tantas vezes sujeito ao espaço, à sua própria dimensão, limitado nos movimentos, espartilhado nos compromissos, deixa-se sufocar, morrer na perpétua corrida por conseguir o equilíbrio que apenas o espírito consegue alcançar.

Não adianta dizer que se é capaz, não adianta tudo tentar fazer para lá chegar, não há como não possuir ou ser possuído, como não condicionar ou ser condicionado, enfim esta dimensão é a dona do espaço e, o tempo aqui limita-se a horas, minutos e segundos que decorrem de dias semanas e meses. Por mais que queira não sou capaz de me fazer transportar por inteiro, tenho sempre de deixar-me ficar, para trás, neste tempo, seguindo de mim apenas a luz, energia que meu espírito ilumina e se transfere de corpo em corpo até à eternidade.

Se me perguntas se gosto de ser como sou, dir-te-ei que





não, mas, aqui e agora, não posso, não devo, ser de outra forma, estou agarrado à Terra, e a sua gravidade esmaga-me as asas, impedindo-me de voar. Mas, sei fazê-lo, já te mostrei como o faço, e sempre que a realidade perde velocidade, consigo libertar-me e divagar pelo espaço/tempo ao encontro do teu sentido, da tua energia que flui em direcção a mim. Mas, este não é o melhor momento para falarmos de outros espaços, dimensões e eternidades, porque o corpo fechou-me dentro dele, pela força da gravidade.

Esta noite voei sobre a magia do oceano aberto, por lugares perdidos na linha limite do horizonte. Esta noite de magia estive perto das estrelas, de lugares iluminados. Esta noite senti todo o meu corpo elevar-se, sabendo que me chamava uma força imensa que requeria a minha presença. Senti o silêncio desta madrugada por acordar, do sonho que em nuvens suaves me embala. Esta noite percebi porque me escolheste, porque me levas, me elevas e me fazes ser especial, mesmo sendo um comum mortal.

Posso não entender a dimensão desta força, não saber sequer como a usar, mas sei que ela existe e me persegue





António Almas

Em cada passo que dou, em cada prece. Esta noite vieste ao meu sonho, como anjo, anunciar-te, lembrar-me daquilo que sabia e não queria entender. Levaste-me, fizeste-me saltar mais alto que a montanha, cair pelo abismo profundo sem sequer me arranhar. Pareceu-me ser sobre humano, ter a capacidade de não sentir dor, perceber a força que me transmites em cada vez que me recordas a diferença que a mim aportas.

Lembro-me que o mundo estava a terminar, e nesta batalha contra o tempo, levavas-me a correr por entre catástrofes, como se me quisesse salvar...

...acordei, e este sonho pareceu-me tão real que me fez estremecer.

Deixo ficar o meu corpo, entrego ao Pai os prazeres da carne, sigo rumo ao infinito, abrindo as asas, estirando meus braços. Mergulho neste voo picado, percorrendo as paredes íngremes do abismo, roço minha penas em arestas afiadas, desbravo caminhos ocultos. Abraço as palavras, recebo em mim tua alma, como novo reencontro, caminho tantas vezes seguido,





de regresso ao espírito, à essência, à pureza dos sentidos.

Bebi do teu corpo, provei no teu cálice o néctar da luxúria, momento em que me fiz homem, em que senti na pele o traço de teus dedos. Mas a alma voa mais alto, não pode confinarse ao corpo ou tornar-se-ia mortal. No cimo deste penhasco, onde a Terra toca os Céus, deixo um pedaço do homem, corpo despido de alma que entrego à terra, para voar mais alto, ser mais leve e tocar a eternidade.

Comigo levo um pedaço de ti, um perfume, verdadeira essência que tua alma guarda em lugar secreto que apenas as plumas de minhas asas conseguem tocar. Sinto no ar, cada momento, guardo no olhar cada instante, em que por momentos se fez realidade. Homem e Mulher se fundiram num único corpo, que guardará para sempre um sinal dessa fusão.

Nesta Noite, regresso à magia dos tempo, lugar onde habito, onde sou apenas uma luz, que na noite escura brilha, como centelha de esperança, farol que sempre guia ou, tão simplesmente, uma mera estrela cadente, em pura agonia.





António Almas

Abre-se o tempo, em partes iguais do mesmo sentido, lembram-se as aves de doar suas asas para que possamos voar, não há limites espaciais, não lugares aos quais, não possamos ir. Hoje ganhamos o céu, eternidade feita de folhas de papiro. Antigos escritos que revelam a essência do próprio ser. Hoje fomos muito mais que gente, muito mais que pequenos deuses, sem nomes escritos nas folhas brancas do quotidiano.

Entrego-te uma pétala da flor de minha alma, como recordação do ente que em mim habita, pedaço de eternidade que seguro com os dedos do tempo, vento, que a brisa levanta e em teus cabelos se agita, como bandeira desfraldada, como paixão ardente, velada. És muito mais que uma asa, és a própria ventania que em altas vagas se faz maresia, pedaço meu que deixo em ti ficar.

Depois do tempo não há mais nada, nem uma singela lágrima que chore o pranto do destino, pequeno e ínfimo desígnio desta fantasia que faço com as palavras. Depois de abrir os olhos desvanece-se o cenário, apagam-se as luzes da ribalta e os actores regressam a suas casas, cheios de aplausos, vazios de sentidos, histórias ocas que no palco morreram, para que novas flores possam renascer.





Daqui, vejo-te florir a cada Primavera que passa, a cada mulher que tocas com o perfume da tua essência, admiro-te, venero-te mas, deixo-te seguir o teu caminho, fico à espera que a noite regresse e te traga a mim.

Na imensidão deste lugar, espero o tempo que há-de vir. Recordo os instantes em que fiquei suspenso nesta dimensão vazia. Sinto o gosto do ar que se adensa nos lábios em forma de orvalho. Percebo que estou sozinho, pendurado por fios invisíveis deste céu onde as nuvens cobrem o azul do espaço. É noite, e o silêncio invade todo o instante. A atmosfera carrega-se de cheiros intensos e descubro que sou uma árvore, de pés cravados na terra molhada, neste chão onde me deixo ficar.

Sucedem-se as auroras, percebo que não posso ir a lado nenhum sem que corte as raízes que me prendem a este lugar. A paisagem altera-se, perde-se o verde luxuriante para se ganhar o amarelo das areias deste deserto em que se transforma a Terra. Sinto na pele o calor sufocante que me queima, me incendeia e mata. Recordo aquele riacho que outrora regava meus pés, deixando-me fresco e viçoso,





António Almas

tempos de juventude em que tudo era sempre um sonho.

No fim dos dias, a caminhada rumo aos céus terminou, os ramos despidos desta árvore oca, cedem sobre o peso de um passado cheio de cicatrizes, fogos e guerras, momentos de puro prazer, ou simplesmente o silêncio daquelas tardes de Primavera em que vinham pousar nos meus braços pássaros que cantavam lindas melodias.

Percebo agora a força de cada letra, a intensidade de cada palavra, o sentido de cada frase, que, duma forma mágica se veste, de sentimentos e fantasias. A metáfora que se apossa do corpo de mulher, o verbo que encaixa no corpo de homem, para juntos dançarem a melodia da paixão que se funde num só parágrafo. Entendo agora a urgência dos dedos ao percorrerem as folhas brancas, o jeito trémulo com que seguram a caneta, ou, a inconstância com que acariciam as teclas.

Esta maré que de tempos a tempos toma conta de mim, alagando todo o areal do meu corpo, invadindo a minha alma com a necessidade premente de traduzir para letras todas as emoções que esta vaga transborda no meu peito. Sei tantas





vezes ser apenas o mensageiro, aquele que apenas imprime a palavra, mas, ainda assim, ofereço o meu corpo oco ao vendaval. Entrego minhas mãos à obra que deve ser construída, não como arquitecto, mas como obreiro.

Vejo em ti o reflexo do prazer que te aporto, ao levar na brisa deste cálido vento, as letras que há muito tempo esperas. Vejo o brilho com que abres as missivas e descobres nelas a luz e a esperança, os sonhos feitos de letras que há séculos procuravas. Mas, eu sou apenas a mão que escreve, o obreiro que edifica, não sou o Criador, apenas um humilde servo.

Dormente, a alma desperta, faz-se de vento este tormento que me afaga. Silêncio, nada. Lugar perpétuo em que te habito, como ave perdida no vazio dos tempos. Sou mago sem magia, luz que se apaga em agonia. Sou apenas este lamento que em ti morre como recordação de um momento em que em ti me semeei. Deixei-me ficar às atenças do vendaval, de corpo descoberto, despidão e frio.

Deixei o temporal lavar-me a pele, deixei as lágrimas ficar no rosto, como recordações de instantes em que te penetrei a alma, em que meu corpo foi teu corpo e juntos éramos um.

